

Por uma história de mapas trançados

» LAYLA MARYZANDRA

Trancista e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais da UnB

Sou uma trancista que, nos últimos 12 anos, realizo pesquisas sobre iconografia das tranças africanas, memória e territórios negros na diáspora, práticas e ofícios tradicionais com intersecção entre raça, cidade e gênero e como isso se manifesta no trabalho das trancistas/trançadeiras.

O que me deu arcabouço para iniciar a pesquisa sobre identificação patrimonial da prática de trançar — pela Universidade de Brasília, no Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT), iniciativa apoiada pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) — intitulada *Tranças no Mapa: modos de saber/fazer de trancistas negras do DF e Entorno*.

A pesquisa utiliza a metodologia dos mapeamentos colaborativos e da cartografia social. A escolha por mapas se dá por diferentes caminhos, pois a função básica de um mapa é representar uma determinada realidade e comunicar tal informação para a sociedade — isto é, o mapa sempre tem uma intencionalidade.

As representações espaciais, mentais ou gráficas são parte fundamental da territorialidade de qualquer grupo social, e as trancistas fazem parte de um grupo. No entanto, a lógica colonial instaurada a partir do final do século 15 institucionalizou uma linguagem específica que serviu como importante artefato de dominação e subalternização por meio das representações espaciais, segundo Gouveia.

Ressalto que os mapas tidos como não convencionais (rupestres e antigas cosmografias), historicamente foram desconsiderados pela chamada cartografia moderna, desqualificando outras possibilidades de representação socioespacial por meio da linguagem visual. Todavia, Acselrad pontua que, a partir de 1990, diversos grupos marginalizados questionam o direito exclusivo dos órgãos oficiais de confeccionar as representações espaciais — lê-se mapa — e começam a reivindicar o direito de produzirem os próprios mapas.

Partindo desse exemplo, chamo a atenção para os desenhos geométricos e linhas retas feitas a partir da trança raiz, um penteado que a



MAURE

maioria das trancistas faz. Vista de cima, a trança raiz traduz uma linguagem cartográfica que pode identificar os sujeitos que a usam, mas não necessariamente a pessoa que a produziu. É interessante pensar sobre isso porque não existem dados socioculturais sobre as trancistas. Somos invisibilizadas. E, quando aparecemos, somos meras oficineiras em um 20 de novembro ou recaímos a um empreendedorismo que não alcança a perspectiva das práticas tradicionais, esvaziando o que dá sentido ao nosso trabalho.

Enquanto trancista e pesquisadora, transporto o desenho trançado da cabeça como alguém que retira o desenho do mapa de cima da mesa e o coloca no chão, para a materialidade, caminhando por ele, para ler o território, onde as histórias de vida dão forma à geração de dados e

indicadores sociais, trançando um inventário participativo do patrimônio cultural da cidade, resguardado por nós, trancistas. E, agora, temos dados.

O Distrito Federal é o território central do mapa. As tranças aqui não são desenhadas enquanto rota de fuga, como no século 16, realizadas por escravizadas negras para os palenques colombianos. Nesse projeto, utilizo as rotas trançadas como metáfora, as desenhando em um mapa de chegada, o corpo — mapa que se localiza no patrimônio imaterial, interseccionando com o direito à memória negra.

Esse é um projeto que está intimamente relacionado à minha trajetória pessoal, pois me tornei trancista profissional aos 17 anos. Desde então, compreendo meu ofício como uma linguagem artística que liga elos transatlânticos aos nossos cotidianos diaspóricos, dentro dessa história negra fragmentada, onde a memória se materializa no fio das tranças — mapas.

Destaco que há poucos espaços para mulheres negras apresentarem suas iniciativas e, neste ano, o Latinidades — o maior festival de mulheres negras da América Latina, que tem chão candango — chega a sua 17ª edição com o chamado *Vem ser fã das mulheres negras* e convoca o Tranças no Mapa a fazer parte desse mosaico de saberes que integram os diálogos e as ações do festival.

Ressalto que o tema do festival deste ano cria oportunidades para o reconhecimento e a celebração da força transformadora das mulheres negras nos diferentes campos do conhecimento. No caso da pesquisa, estarei contribuindo para a superação dessa visão exótica e exótica do corpo negro, reeducando a sociedade no seu olhar sobre como mulheres negras trançadeiras formulam conhecimentos por meio de mapas e cartografias sociais que apontam para outras histórias que ainda não são vistas.

Por fim, ressalto que construo diferentes camadas cartográficas buscando decodificar caminhos para salvaguarda e valorização do nosso ofício, para que não apenas resista à desigualdade racial e social, mas que tenha soluções práticas e criativas de afirmação cultural e de mobilização social.

Kamala renova partido, mas é alvo potencial para as fake news

» ANDRÉ MENDES PINI - Professor de relações internacionais na UEPB

» DANIEL REI CORONATO - Professor de relações internacionais da FURG

» GUSTAVO MENON - Professor de relações internacionais na UCB e no PROLAM-USP

A candidatura de Joe Biden à reeleição não resistiu às pressões da mídia norte-americana e da elite do Partido Democrata. Imediatamente após anunciar sua retirada da campanha eleitoral, o atual presidente dos EUA deixou claro seu apoio a Kamala Harris, gerando uma onda de apoio dos principais nomes do partido à atual vice-presidente. Esse movimento também levou a um aumento significativo das doações, que haviam sido modestas durante a campanha de Biden. Como resultado, os democratas demonstraram uma necessária união frente à iminente disputa pela Casa Branca contra um Partido Republicano unificado em torno do projeto político de extrema-direita de Donald Trump.

Harris deve ser confirmada na Convenção Nacional Democrata em agosto. A única dúvida que permanece, de fato, é o nome que será indicado como vice da chapa. Existe uma pressão para a escolha de alguém que possa penetrar em camadas que Kamala teria mais dificuldade, especialmente grupos mais velhos e conservadores. A escolha de um homem com reconhecida experiência deve ser o caminho.

A força de Kamala Harris é a imagem de renovação e rejuvenescimento do Partido Democrata. Sua atuação como ex-promotora certamente será um foco de sua campanha, expondo a condenação de Trump na Justiça. Além disso, seu perfil agrada à base de apoio do partido. Negra e filha de imigrantes, Harris se conecta com o público jovem, o eleitorado feminino, latinos e afro-americanos.

No entanto, ao mesmo tempo em que a candidata converge em torno de si o apoio do partido e do eleitorado democrata, ela pode ter dificuldades para atrair para si os eleitores indecisos. Perante uma sociedade polarizada e um sistema político que favorece a dinâmica bipartidária, as

eleições presidenciais nos EUA cada vez mais são definidas pelos eleitores independentes que não se identificam necessariamente com um dos partidos tradicionais. Nessa dinâmica, a rejeição aos candidatos é um fator crucial — assim, a escolha do vice será determinante.

Ademais, Donald Trump não é mais apenas um ideal de mudança, é um projeto político de extrema-direita com um governo de quatro anos no currículo e problemas com a Justiça que se acumulam. Nesse cenário, em que pese o fato de o Partido Republicano ter consolidado uma base de apoio fiel, também suscitou ampla rejeição perante o público independente. Joe Biden se beneficiou dessa situação em 2020 se apresentando como um candidato moderado e, de certo modo, “entediante”, o que ajudou a reduzir a rejeição do eleitorado estadunidense e, assim, vencer o último pleito presidencial nos EUA.

Apesar de Kamala Harris ser considerada pela base democrata como uma candidata moderada, seu perfil a torna um alvo potencial para a máquina de fake news e desinformação orquestrada nas redes sociais. Os ataques à atual vice-presidente já começaram na internet, com a base reacionária dos republicanos explorando questões de gênero para deslegitimar Harris, assim como outras questões sensíveis a grande parte do público estadunidense, como uma suposta tendência a adotar políticas migratórias menos rígidas.

O histórico das últimas eleições dos EUA demonstra que não há limites éticos e morais para a exploração de desinformação com objetivos eleitorais, sobretudo por parte de Trump. Dessa forma, pode-se esperar que, nos próximos meses, algumas características de Harris — como seu gênero, sua raça e seu histórico de pais imigrantes — serão usadas contra ela para tentar criar uma ampla rejeição à sua imagem pública.

Donald Trump, mesmo antes de concorrer à presidência de 2016, foi um dos principais entusiastas do chamado movimento Birther, que questionava se Barack Obama havia, de fato, nascido em solo norte-americano. Essa história, claramente classificada como mentira, reverberou na política do país, levando Obama a divulgar publicamente sua certidão de nascimento. Ainda assim, pesquisas apontam que grande parte do eleitorado republicano segue acreditando nessa narrativa, o que demonstra a capacidade das fake news de se consolidarem como supostas verdades perante um amplo público. Deve-se ressaltar, também, que foi justamente a rejeição a Obama que iniciou o processo de radicalização do Partido Republicano, desde a formação do Tea Party até a ascensão de figuras radicais que, paulatinamente, tomaram conta do partido, como Ted Cruz, Marco Rubio e, evidentemente, Donald Trump.

Hillary Clinton, em 2016, também foi alvo de amplas histórias falsas, que exploravam desde questões de gênero até supostos escândalos da família Clinton para deslegitimar a candidata democrata. Assim, presume-se que a campanha de Trump não irá poupar Kamala Harris nas eleições deste ano, com o objetivo de reduzir seu apelo perante o público independente.

A despeito das convergências em termos de política externa entre republicanos e democratas, e o papel do imperialismo dos Estados Unidos no apoio a Israel, nas medidas comerciais contra a China e na questão da guerra na Eurásia, no plano doméstico, a eleição nos Estados Unidos certamente afetará os direitos civis e a posição do país como grande potência global. No âmbito regional, a eleição americana também terá impactos nas próximas eleições na América Latina, podendo fortalecer tendências antidemocráticas ao redor do mundo.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Pequenos tiranos

Caso você tenha filhos pequenos e nunca tenha ouvido falar em infantolatria ou pedocracia é bom, de agora em diante, passar a prestar muita atenção nesses termos. Esse é o primeiro passo caso não deseje passar por grandes aflições, desapontamentos ou outros tipos de problemas mais sérios. Os termos referem-se a um novo e recorrente fenômeno que vem afetando a vida em família.

A infantolatria é um neologismo para definir a ditadura de crianças, que não suportam ser contrariadas em seus desejos. Do mesmo modo, a pedocracia se refere ao poder e ao controle que esses pequenos passaram a exercer sobre os pais, transformando-se em verdadeiros déspotas dentro de casa.

Alguns psicólogos afirmam que a pedocracia nasceu da excessiva idealização da maternidade, com mães abandonando a vida e os projetos pessoais em prol de uma dedicação exclusiva a seus filhos. Em muitos desses casos, elas passam a se repreender, evitando demonstrar cansaço, raiva ou frustração, apenas para não desagradar a seus filhos. De certo modo, essas mães e esses pais desenvolvem um sentimento exagerado de culpa caso quaisquer contrariedades venham a arruinar a suprema e sacrossanta felicidade de suas crianças.

Não chega a ser exagero que muitos desses pais modernos passem a desenvolver um certo sentimento de idolatria pelos filhos, colocados-os no altar como verdadeiros deuses do Olimpo, a quem todos os sacrifícios são feitos. Trata-se, como se vê, de uma reviravolta na autoridade. São as crianças que mandam, e temos os pais lançados ao papel de crianças investidas de uma falsa autoridade adulta.

Nesse tipo de relação, as chantagens emocionais do tipo “eu não amo vocês”, “eu odeio vocês” ou “você são os piores pais do mundo” são constantes e fazem efeito, com os pais se sentindo cada vez mais culpados. O problema é que muitos pais não se atentaram é que esse tipo de educação submissa e medrosa é muito danoso para a própria criança. Os pais acham que elas sabem o que querem, e as crianças acham que os pais não querem educá-las. Ficam sem norte.

O mundo fora de casa não terá tanta complacência com esse tipo voluntarioso. Na verdade, tão logo essas crianças passem a conviver com outras pessoas, as frustrações e os desapontamentos serão uma constante e, não raro, trarão problemas muito sérios para o seu desenvolvimento.

Por outro lado, é sabido, e muitos pais admitem sem rodeios, que educar dá muito trabalho e exige um esforço sobrehumano, que muitos não estão dispostos a enfrentar. Há, ainda, outros problemas que apontam para o fato de que muitos dos adultos atuais não estão nem de longe preparados para o exercício de serem pais e mães. Nesse caso, para muitos, fica mais fácil deixar indefinido nessas relações quem são os pais e quem são os filhos. O que se tem são adultos infantilizados, submetidos a crianças exigentes e sem limites.

Fatos como esses não teriam importância maior caso essas disfunções na educação ficassem restritas ao lar. Mas, como a sociedade é composta pelo conjunto de famílias, o que temos como problema é que esses futuros cidadãos poderão criar investidas, algumas com sérias consequências para o meio social em que estarão inseridos. Nenhuma instituição — no caso aqui, a família — pode dar certo ou gerar bons frutos quando os pais passam a desempenhar um papel de súditos de seus filhos.

Esse tipo de (des)educação retira da criança todo e qualquer senso de responsabilidade por seus atos e comportamentos. Muitos delinquentes juvenis, alguns responsáveis por crimes hediondos, vindos da classe média e alta, tiveram uma infância em que imperava o regime da pedocracia ou da infantolatria, em que todas as vontades e os desejos eram aceitos e atendidos. O filósofo de Mundubim costumava dizer que, quando a família se exime de educar, esse papel passa a ser exercido pela polícia.

Outra consequência muito observada hoje sobre esse tipo desestruturado de educar os pequenos pode ser conferida nas escolas, em que professores são desafiados, desrespeitados e, muitas vezes, agredidos por menores que não aceitam o papel de autoridade, venha de onde vier. A cada ano, centenas, senão milhares, de casos de agressão de professores são registrados, sendo que, em muitas dessas ocorrências, a culpa dos fatos acaba maldosamente sendo imputada aos professores, apenas para proteger esses pequenos tiranos.

» A frase que foi pronunciada:

“Cala boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu!” E é com essa frase de ordem que o encantamento do silêncio se desfaz, os habitantes do reino voltam a falar, o reizinho chato some da história.”

O Reizinho mandão, de Ruth Rocha

» História de Brasília

Leve seus filhos para vacinar contra a poliomielite. Use o posto mais próximo de sua residência e defenda sua família contra um dos piores males.
(Publicada em 11/4/1962)